

Identidade visual e arquitetura escolar: A condição atual da comunicação visual ambiental e gráfica das escolas municipais do CEDEC

Visual identity and school architecture: The current condition of environmental and graphic visual communication of CEDEC municipal schools

101

Lígia Gimenes Paschoal, FAU-USP.
ligia.paschoal@usp.br

Tatiana Sakurai, FAU-USP.
tsakurai@usp.br

Resumo

O artigo analisa a comunicação visual ambiental e gráfica desenvolvida pelo Centro de Desenvolvimento de Equipamentos Urbanos e Comunitários para escolas municipais de São Paulo entre 1990 e 1992, com enfoque na figura da arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima, então diretora do CEDEC. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental em acervos, entrevistas semiestruturadas e visitas de campo realizadas entre 2023 e 2024, é possível aferir como os elementos visuais ambientais, integrados ao projeto arquitetônico escolar original, foram pensados originalmente como recursos pedagógicos e identitários. Entretanto, o levantamento *in loco* revelou o apagamento desses elementos, comprometendo a autonomia infantil e a construção de uma memória institucional das escolas, além de indicar a necessidade de políticas de conservação que valorizem o papel simbólico e educativo do ambiente escolar proposto originalmente.

Palavras-chave: Mayumi Watanabe de Souza Lima, CEDEC, Comunicação visual ambiental, Projeto gráfico.

Abstract

This article analyzes the environmental and graphic visual communication developed by the Center for the Development of Urban and Community Facilities for São Paulo's municipal schools between 1990 and 1992, focusing on the figure of architect Mayumi Watanabe de Souza Lima, then director of CEDEC. Through bibliographic and documentary research in archives, semi-structured interviews, and field visits conducted between 2023 and 2024, it is possible to determine how the environmental visual elements, integrated into the original school architectural design, were originally intended as pedagogical and identity-building resources. However, the on-site survey revealed the erasure of these elements, compromising children's autonomy and the construction of an institutional memory of schools. It also highlights the need for conservation policies that value the symbolic and educational role of the originally proposed school environment.

Keywords: Mayumi Watanabe de Souza Lima, CEDEC, Environmental visual communication, Graphic design



Introdução

Este artigo situa-se na grande área de Ciências Sociais Aplicadas (Desenho Industrial e Arquitetura) e caracteriza-se pela abordagem exploratória e qualitativa. O objetivo deste artigo é analisar o papel da comunicação visual ambiental e gráfica, desenvolvido e produzido pelo Centro de Desenvolvimento de Equipamentos Urbanos e Comunitários (CEDEC), para as quatro Escolas Municipais de Ensino Infantil (EMEI) construídas pelo Centro, e trazer uma investigação da situação atual desses ambientes escolares. O levantamento dos dados baseou-se em pesquisa bibliográfica, pesquisa documental em acervos públicos e privados, visitas de campo, entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade escolar¹, e material fotográfico disponibilizado pelo Prof. Dr. Reginaldo Luiz Nunes Ronconi.

Para o levantamento realizado ao longo da pesquisa, foram conduzidas análises comparativas entre os projetos originais e os desenhos técnicos elaborados a partir dos dados coletados nas visitas de campo, incluindo imagens fotográficas, novas plantas, elevações, cortes, croquis e perspectivas, que demonstram a situação atual dessas áreas. Tal procedimento permitiu refinar a leitura das novas relações espaciais por meio da produção e análise gráfica. Para fundamentar essa análise, foram selecionados os autores Clark e Pause (2005), Baker (1996) e Unwin (2006), cujas abordagens abrangem tanto os aspectos funcionais quanto simbólicos da análise de projeto, possibilitando uma compreensão mais aprofundada das diferentes composições presentes nas áreas escolares. Além disso, a etapa das entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade escolar possibilitou traçar uma cronologia das transformações espaciais desses locais, além de observar os motivos que orientaram as mudanças ocorridas.

Os projetos voltados à educação constituem um dos aspectos mais marcantes dos diversos programas desenvolvidos pela equipe do CEDEC. Nesse campo, observa-se uma ampla variedade de frentes da atuação, como projetos arquitetônicos, de equipamentos lúdicos, gráficos e de comunicação visual ambiental. Todos esses elementos se articulam ao ambiente escolar, como creches, Escolas Municipais de Ensino Infantil e Escolas Municipais de Primeiro Grau (EMPG, atuais EMEF, Escolas Municipais de Ensino Fundamental), construídos durante o período de atividade do Centro. No caso das EMEI, a comunicação visual gráfica assumiu papel ativo na organização dos percursos, na mediação simbólica dos ambientes e na construção de referências espaciais para a comunidade escolar. Ao longo do tempo, entretanto, esses espaços passaram por transformações decorrentes de adaptações, mudanças de uso e intervenções realizadas pelas diferentes gestões escolares. Diante desse contexto, a contextualização do problema concentra-se em compreender como as relações entre o projeto arquitetônico e a comunicação visual ambiental, formuladas pela equipe do CEDEC, se configuram atualmente nessas EMEI, e de que modo as modificações observadas nas visitas de campo revelam continuidades ou redefinições das concepções originalmente atribuídas aos espaços educativos.

Para a pesquisa, foram selecionadas quatro EMEI construídas no período estudado. A definição dos objetos de estudo ocorreu em duas etapas. A primeira considerou a diversidade de

¹ Foram realizadas o total de dez entrevistas semiestruturadas. A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil (processo CAAE 69403623.7.0000.5390), para apreciação ética, e aprovada em 13 de agosto de 2023.

soluções propostas para as áreas externas e para os elementos de playground nos projetos originais, bem como as transformações observadas na situação atual, diferentemente do que se verifica nos projetos das EMPGs e das creches. A segunda etapa levou em conta a disponibilidade do material gráfico, como folhetos e fotografias de época, e do material escrito produzido pelo CEDEC, relacionados aos objetos da pesquisa.

O Centro de Desenvolvimento de Equipamentos Urbanos e Comunitários (1990 – 1992)

103

O CEDEC surgiu como tentativa, durante a gestão da prefeita de Luiza Erundina, de ampliar a atuação da Prefeitura de São Paulo na construção de equipamentos públicos, nos anos de 1990 a 1992. Sua atividade abrangia desde a elaboração dos projetos até a sua execução e implementação das obras. Sua estrutura contava com uma fábrica dedicada à produção seriada de componentes de argamassa armada, além de ser responsável pela formação de um corpo técnico e operacional especializado. A experiência buscou a contraposição de um modelo predominante e consolidado na segunda metade do século XX no Brasil, que atribuiu à execução das obras públicas, exclusivamente e integralmente, para a iniciativa privada (Lima, 2002, p. 2).

A fábrica funcionava sob a administração da Empresa Municipal de Urbanização (EMURB), responsável pelas obras de intervenção e planejamento da cidade de São Paulo, em conjunto com a Departamento de Edificações (Edif), da Secretaria de Obras e Serviços (SSO). Suas ações, segundo Buitoni (2009, p. 70), “abrangiam pesquisa de materiais e de sistemas construtivos; treinamento e formação de pessoal; planejamento, projeto e execução de obras.”, realizando diversos tipos de programas de equipamento público, desde projetos de escolas, creches, centros comunitários, unidades básicas de saúde, playgrounds em Centros Esportivos, até projetos voltados à infraestrutura urbana como canalização de córregos em áreas periféricas da cidade e também de mobiliário urbano. Além da pluralidade de programas, sua principal atuação estava centrada na “(...) construção de equipamentos públicos de pequeno porte e de componentes para a urbanização de favelas – demandas sempre crescente e em volume elevado que deveriam ser atendidas em curto prazo.” (Buitoni, 2009, p. 74).

No cargo como diretora do Centro, a arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima (1934-1994) se encontra em posição de destaque e se insere de maneira coerente nos critérios técnicos, mas acima de tudo, políticos, devido à sua atuação e ligação com o Partido dos Trabalhadores (PT). A trajetória de Watanabe foi marcada pela sua atuação no funcionalismo público na área da Educação, e também pela sua carreira como docente em faculdades públicas e privadas de Arquitetura e Urbanismo no país. Além disso, sua produção escrita sobre Educação e Arquitetura permeia suas ações práticas nessas carreiras. É evidente, em diversas publicações ao longo de sua atuação, sua atenção para essa temática.

A comunicação visual ambiental e produção gráfica das escolas do Centro

Dentre as publicações formalizadas pela arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima, seus livros *Espaços Educativos – uso e construção* (1988) e *A cidade e a criança* (1989) são partes importantes para compreender o trabalho elaborado pelo CEDEC. A primeira publicação, voltada principalmente para os professores que atuam na rede pública de ensino, utilizava o

desenho como ponte entre a comunicação e as atividades realizadas dentro da sala de aula. Produto póstumo à pesquisa e ao trabalho de assessoria técnica na autoconstrução das escolas do Bairro da Varginha e do Jardim Fortaleza, a obra realizada pelo Programa de Expansão e Melhoria do Ensino (PREMEN) apontava

a necessidade de se conhecer como as escolas são pensadas, construídas e usadas pela população para que se pudesse repensar as diretrizes de projeto. Os espaços educativos devem oferecer aos usuários estímulos para a sua apropriação e uso criativo. Assim sendo, a proposta era introduzir no espaço da escola elementos que estimulassem a curiosidade da criança (Buitoni, 2009, p. 58-59).

Essas atividades de caráter pedagógico representam formas pelas quais a arquiteta e sua equipe propunham o uso do espaço escolar como local de convívio coletivo, voltado à formação do sujeito em sua dimensão social. Por meio delas, buscava-se fomentar o desenvolvimento dessa criança em questões como a percepção e a transformação do espaço que a cerca.

A segunda publicação articula o trabalho de Watanabe no acompanhamento de diversas crianças com faixa etárias, classes sociais, tipologias de casas e bairros distintos nos anos de 1968-84, em sua experiência colaborativa com os alunos da Escola Estadual de Primeiro Grau (EEPG) João Kopke em 1978, mostrando sua reflexão na relação da criança com a cidade, principalmente em bairros da periferia. O acompanhamento tinha como objetivo central responder à pergunta: “como as crianças que vivem nas cidades do Estado de São Paulo percebem esse objetivo-subjetivo do espaço?” (Lima, 1989, p. 16). Através de desenhos elaborados pelas crianças participantes, notou-se uma diferenciação na percepção do espaço de moradia e com relação ao uso do espaço público da cidade pela criança.

No ano de 1978, a reconstrução da escola EEPG João Kopke abriu o caminho para estabelecer atividades, realizadas por Watanabe e sua equipe interdisciplinar, que “relacionassem o cotidiano da obra e das crianças, com objetivo de estabelecer um marco nas transformações que ocorriam e estimular o protagonismo dos estudantes no uso do espaço escolar” (Sousa, 2007, p. 2). Essa experiência resultou na construção de um grêmio estudantil, espaço destinado para os alunos da escola, que, posteriormente, passou a ser ocupado pelos adultos da instituição, sendo transformado em escritório do professor de educação moral e cívica e, nos dias atuais, em depósito.

A cidade e a criança é o último capítulo do livro de mesmo nome, destinado à tentativa de compreender o motivo da perda da apropriação do espaço urbano pelas crianças e de sua reconquista no ambiente público e escolar. Dando enfoque nas crianças moradoras de bairros periféricos, o capítulo discorre sobre a perda do ambiente de rua como espaço de brincadeiras e jogos e, quando o tem, a falta de infraestrutura destinada a esse público e uso. Dessa maneira, o ambiente escolar se torna essencial para o desenvolvimento infantil, principalmente no âmbito da importância do brincar.

Para Watanabe, também existia uma preocupação referente à falta de entendimento pelas crianças das informações escritas nas paisagens de bairros da periferia. A educação era pensada tomando como base uma realidade muito distante do cotidiano encontrado pelas crianças da escola. Operações muito concretas nada tinham em comum com as exigências pedagógicas com as quais se deparavam, demandando operações formais em um grau de abstração distante da vivência material destes alunos. Essa discussão descreve a situação de uma criança tão

familiarizada com seu espaço não-redigido em sua morada e em seu bairro em relação a suas dificuldades em entender os símbolos encontrados dentro do ambiente escolar:

Nesse mundo onde nada é escrito, onde as crianças não se vêem de corpo inteiro, onde as relações são pessoas e as experiências exclusivamente concretas, a escola exige e trabalha justamente o contrário.

Nada no espaço escolar ajuda a passagem desse mundo para outro, onde se exige conhecimento abstrato, onde as inferências são sempre desconhecidas da experiência da vida das crianças. A preocupação com letras e números só ocorre na sala de aula e, nela, a exigência é exclusiva e absoluta: não se aceitam outros meios, outras formas de comunicação (Lima, 1989, p. 101).

Podemos perceber uma ponte importante entre a produção formalizada por Watanabe e sua equipe do CEDEC. A maneira como o Centro desenvolvia seus projetos escolares revela uma atenção especial à qualidade arquitetônica desses ambientes, incorporando aspectos que favorecessem a apropriação e o uso autônomo por parte das crianças. Mais do que apenas construir edifícios, a intenção era de que esses espaços também tivessem um papel educativo. O uso de componentes pré-fabricados em argamassa armada ou estruturas metálicas, por exemplo, evidenciava os elementos construtivos, transformando o próprio edifício em um instrumento de aprendizagem (Figuras 1 e 2). Assim, o próprio espaço construído pode assumir essa orientação, reduzindo a dependência exclusiva de sistemas gráficos formais e reforçando a leitura espacial por meio da organização volumétrica, dos percursos e das relações visuais estabelecidas entre os elementos arquitetônicos. Essa proposta de utilização do próprio edifício para o desenvolvimento de atividades escolares é encarada inicialmente no livro *Espaços Educativos* da seguinte maneira:

Existe da parte dos educadores uma constante afirmação da carência de materiais de ensino-aprendizagem. No entanto, encontram-se concretizados na execução física do prédio, conhecimentos científicos e tecnológicos das mais variadas áreas do saber, o que coloca como objeto altamente estimulador da curiosidade intelectual.

(...) Portanto, é preciso começar a mudar este quadro, pesquisando novas formas de pensar o espaço escolar seu uso e sua construção; é preciso produzir espaços criativos e estimulantes, mesmo a partir do existente precário e principalmente sobre ele (Lima, 1988, p. 14 e 15)

Nesse sentido, a interação da criança com o ambiente edificado possibilita a construção de conhecimentos relacionados a distintas áreas do saber, como os processos de transformação da natureza, princípios ecológicos, atividades produtivas humanas, bem como noções fundamentais de espacialidade, geometria e volumetria (Figuras 3 e 4). Tal relação pode ainda fomentar o interesse pelos modos de produção, pelos materiais empregados na construção da escola e suas respectivas origens geográficas, permitindo reflexões acerca de seus desdobramentos econômicos e sociais no contexto vivido pela criança e em seu entorno imediato (Lima, 1988, p. 14). Sobretudo, destaca-se a promoção da autonomia infantil, desenvolvida a partir da vivência ativa no espaço escolar:

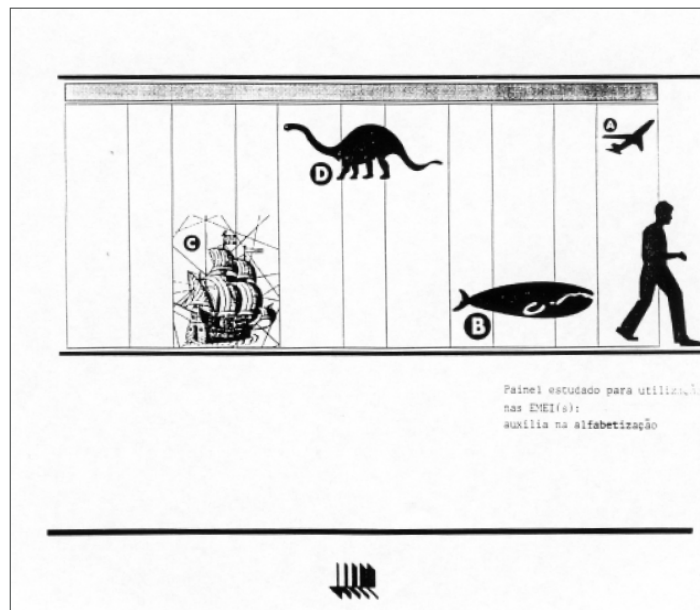
Para que se tenha domínio sobre um determinado espaço, é preciso que se conheça cada uma de suas partes, enquanto território no qual é possível ou não movimentar-se sem restrições. Assim, no prédio escolar, as instalações, as salas, as áreas externas devem ser desveladas para cada aluno, localizando-o no espaço, indicando-lhe direções, funcionamento, limitações e destinações. (CEDEC/EMURB, 1992, p. 19)

Figura 1 e 2: Fácil leitura dos elementos construtivos - EMEI Presidente Jânio Quadros (1992)



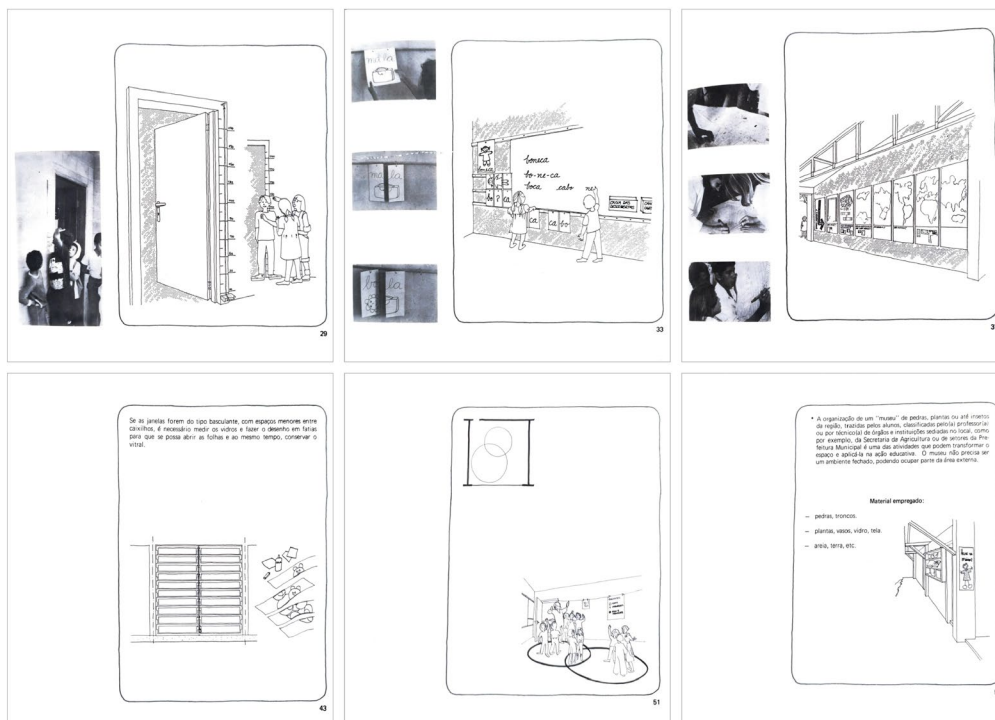
Fonte: Acervo Reginaldo Ronconi, 2024

Figura 3: Intervenções fora do ambiente de sala de aula propostos no *Caderno 3*



Fonte: CEDEC/EMURB, 1992a, p. 23

Figura 4: Páginas com atividades no ambiente escolar - livro *Espaços educativos – uso e construção*



Fonte: Lima, 1988, p. 29, 33, 37, 43, 51 e 55.

Como parte dessas estratégias de estímulo à apropriação e ao uso autônomo do espaço, propôs-se a adoção de elementos gráficos integrados à arquitetura escolar como recurso pedagógico (Figuras 5, 6 e 7). Descritos no *Caderno 3 – Espaços educacionais: EMEI e*

EMPG², tais dispositivos visuais eram concebidos com a participação direta de alunos e professores, fortalecendo o vínculo entre os sujeitos do processo educativo e o ambiente construído. A aplicação desses elementos em superfícies como paredes, portas, tetos e pisos permitia ativar a curiosidade e promover na criança a capacidade de explorar, observar e questionar os componentes que compõem o espaço escolar.

Figura 5: Vista interna EMEI Presidente Jânio Quadros (1992)



Fonte: Acervo Reginaldo Ronconi, 2024

Figura 6: Elementos visuais para áreas de refeitório



Fonte: Acervo Reginaldo Ronconi, 2024

² Os Cadernos foram produções escritas elaboradas pelo próprio CEDEC e buscavam organizar sua produção, detalhando suas abordagens e objetivos. No total, foram produzidos quatro Cadernos.

Figura 7: Elementos visuais indicando o tipo de descarte nas lixeiras externas – EMEI Severino do Ramo



Fonte: Acervo Reginaldo Ronconi, 2024

Com distintas variações formais e temáticas, esses recursos gráficos estimulavam interações que extrapolavam os limites da sala de aula, conectando conteúdos curriculares às experiências sensoriais e espaciais do cotidiano escolar. Ao integrar diferentes ambientes por meio de elementos visuais, a proposta não apenas favorecia novas formas de intervenção e apropriação, mas também a própria atividade escolar se tornaria crítica, produzindo reflexão sobre as relações da criança com seu mundo. Além disso, essas estratégias se propunham a destacar o uso do espaço pelas crianças através da construção de símbolos de fácil entendimento na linguagem visual criado para a identificação interna da escola.

Para o projeto de comunicação visual ambiental, desenvolvido pelo designer, professor e pesquisador Francisco Inácio Scaramelli Homem de Melo, junto à equipe do CEDEC, procurou-se criar uma identidade para cada espaço escolar construído. Como ponto de partida, a criação de um elemento gráfico, como uma logomarca³ (Figura 8), concebida a partir do resgate do significado existente do nome do bairro em que a escola seria construída, permitiria sua aplicação em diversas áreas internas. No capítulo “A escola no bairro”, localizado no *Caderno 3*, essa proposta é tratada a partir do “pressuposto que a escola deve ser integrada ao bairro a que ela pertence” (CEDEC/ EMURB, 1992, p. 17).

Nesse ponto, a criação de uma identidade visual de fácil leitura “viabiliza a conscientização e o reconhecimento da marca. A identidade visual engatilha e desencadeia associações a respeito da marca. A visão, mais do que qualquer outro sentido, proporciona informações sobre o mundo que nos rodeia” (Wheeler, 2008, p. 16). A marca, no caso, representa a escola, e a escola é também representada pela logomarca. Essa dinâmica proporciona a integração de seus usuários, e da comunidade escolar como um todo, com o edifício e sua localidade. Além disso, a

³ O termo *logomarca* é empregado no *Caderno 3 – Espaços educacionais: EMEI e EMPG* (1992, p. 17) para designar o identificador visual da marca e será mantido neste artigo em conformidade com a terminologia adotada na fonte original.

comunicação visual ambiental foi pensada em função da faixa etária dos alunos, de modo a facilitar o reconhecimento e a apropriação do espaço escolar (CEDEC/EMURB, 1992, p. 20).

As logomarcas foram posicionadas em locais estratégicos no interior do ambiente escolar, considerando diferentes distâncias e escalas de visualização. Com o intuito de facilitar sua identificação a partir da via pública, optou-se por aplicá-las no ponto mais elevado do conjunto, a caixa d'água (Figura 9), acompanhadas da denominação da unidade escolar. Outro local cuidadosamente selecionado foi o piso da entrada principal, onde a logomarca foi executada em uma placa de argamassa armada colorida, fixada diretamente no solo. Esse elemento visual, em conjunto com a cobertura situada no portão de acesso, cumpria a função simbólica de recepção à comunidade escolar como alunos, docentes, funcionários, familiares, entre outros. Além disso, o sistema de comunicação visual visava também orientar os estudantes na organização espacial e no deslocamento dentro das dependências da escola:

Áreas de utilização definidas ou que exigem determinadas condições de uso estão também claramente indicadas. O conjunto de ambientes - pedagógicos ou não pedagógicos - pode ser identificado através de cores das portas e caixilho: cada ambiente pedagógico, por sua vez, pode ser localizado através de um número e pictos auxiliam no reconhecimento dos demais ambientes utilizados pelos alunos: sanitários - masculino e feminino - cozinha e secretaria. (CEDEC/EMURB, 1992, p. 22)

Figura 8: Logomarcas – Vila Nova Curuçá, Jardim Robru e Nova Parelheiros



Fonte: Autoria própria, baseado nos folhetos do CEDEC, 2022

Figura 9: Aplicação da logomarca na caixa d'água – EMEI Fausto Ribeiro da Silva Filho



Fonte: Acervo Reginaldo Ronconi, 2024

A adoção de uma logomarca para identificação das escolas contribuiu significativamente para a produção gráfica desenvolvida pela equipe. Os folhetos, distribuídos às comunidades que seriam contempladas com a implantação das unidades escolares, incorporavam elementos visuais derivados da logomarca, ao mesmo tempo em que apresentavam o equipamento público a ser inserido naquele território. Os textos contidos nesses materiais seguiram a lógica adotada nos cadernos institucionais produzidos pelo CEDEC, com o objetivo de difundir informações sobre as ações realizadas no período de funcionamento da fábrica. Ao buscar romper com as dinâmicas tradicionais impostas pelos grupos detentores do poder, a disseminação de informações era compreendida como um mecanismo potencial de transformação da estrutura de poder vigente, funcionando como instrumento político e emancipatório voltado às camadas populares. Nessa perspectiva, a sistematização e divulgação das informações elaboradas pelo CEDEC visavam a não apenas qualificar o ambiente construído, mas também ampliar os processos de democratização das instâncias decisórias (CEDEC/EMURB, 1992, p. 8).

Com isso, a importância do desenvolvimento de uma comunicação visual ambiental para o ambiente escolar desenvolvido pela equipe do CEDEC se mostraria essencial. Além disso, propostas como “ressaltar as características do sistema construtivo” (CEDEC/EMURB, 1992, p.19) permitiriam ao usuário, adulto ou criança, identificar sua localização espacial, facilitando seu percurso pelo equipamento. Essa interação edifício-usuário está presente também na proposta de projeto dessas escolas e pode ser compreendida a partir do conceito de *wayfinding*, entendido como “um sistema de sinalização de orientação e fornece direções que ajudam na integração com o local” (Morettin, 2025, p. 51). Nesse sentido, elementos como formas, cores, setas, pictogramas e mapas contribuem para a construção da identidade do espaço e para a orientação dos deslocamentos, enquanto aspectos como a iluminação, o paisagismo e os elementos arquitetônicos de destaque atuam como ponto de referência. Assim, a comunicação visual ambiental, articulada ao projeto arquitetônico das escolas, reforça a dinâmica entre o usuário e o espaço construído do edifício, permitindo que o próprio ambiente escolar atue como mediador dos processos de locomoção autônoma, aprendizagem e de sua apropriação.

A concepção arquitetônica dessas construções é a base das diversas aplicações pedagógicas pensadas pela equipe. Além disso, o cruzamento entre o campo da Arquitetura e do Design para a produção da comunicação visual ambiental para os ambientes escolares se demonstra, na prática, uma abordagem interdisciplinar à época.

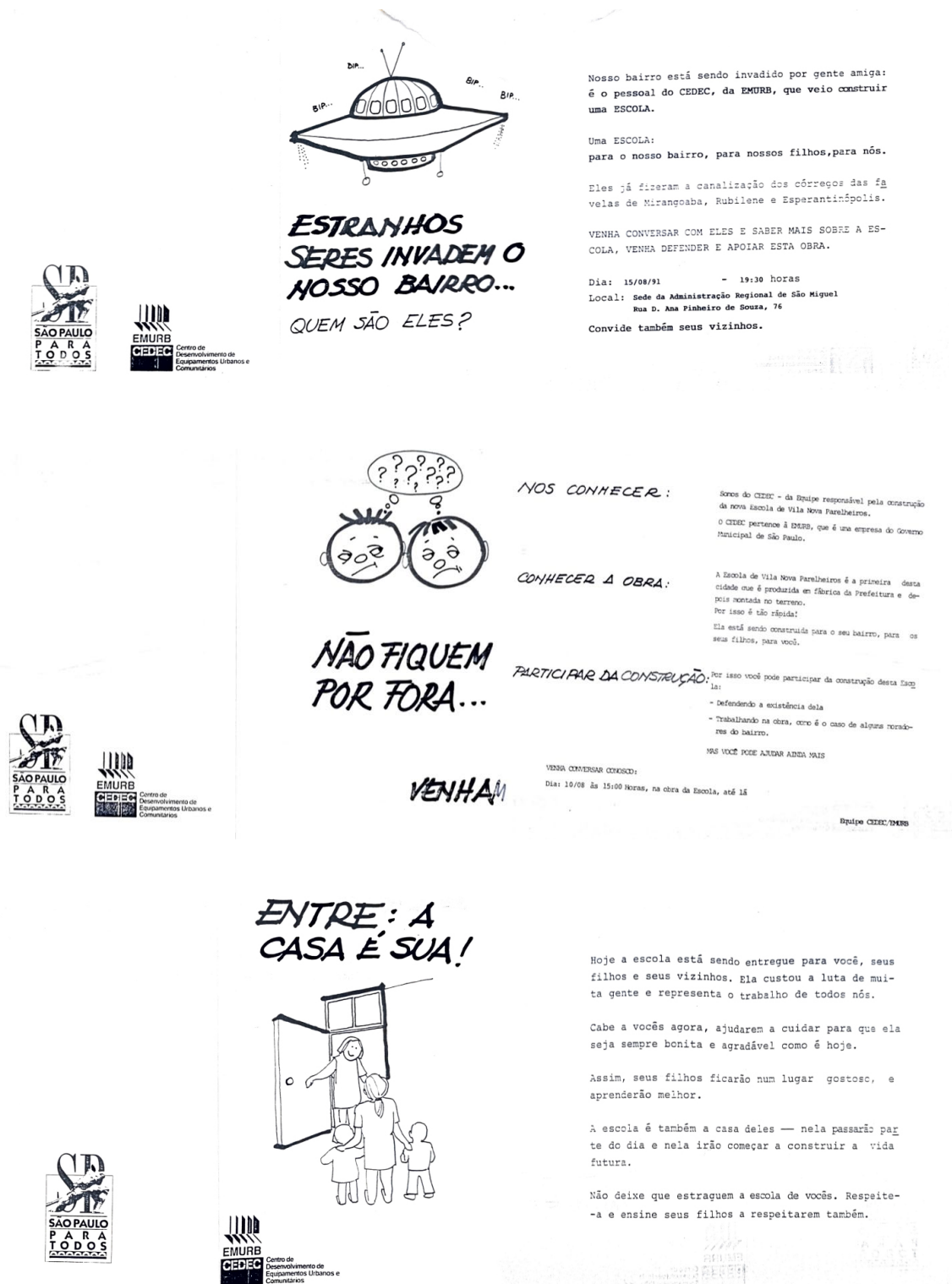
Os folhetos produzidos pelo Centro

Como forma de sistematizar a produção gráfica, no formato de folhetos, este artigo é resultante do levantamento bibliográfico, realizado em diferentes fontes da pesquisa de mestrado desenvolvida pela autora, e procura organizar de forma clara e coerente a produção do Centro de Desenvolvimento de Equipamentos Urbanos e Comunitários. Dessa maneira, é proposta a divisão em dois conteúdos centrais:

1. Apresentação do Centro à comunidade e sua produção (Figuras 10, 11 e 12)

Produção institucional voltada à comunidade local, com o objetivo de apresentar os equipamentos, neste caso, as escolas, que seriam construídos no local. O material também servia como convite da equipe do CEDEC para que os moradores participassem das reuniões comunitárias.

Figuras 10, 11 e 12: Folhetos de apresentação do Centro



Produção institucional voltada à comunidade local e escolar, com o objetivo de apresentar a escola já finalizada, entregue no dia de sua inauguração. O material também destaca a logomarca desenvolvida para a unidade escolar e sua relação com o resgate do nome do bairro.

Figuras 13, 14 e 15: Folhetos de apresentação das escolas com sua logomarca – EMEI Vila Nova Curuçá, Jardim Robru e Nova





Fonte: Acervo Mayumi Watanabe – Fundação Perseu Abramo, 2022

A situação atual da comunicação visual ambiental das escolas do Centro

Durante a pesquisa de mestrado, houve a possibilidade de realização de levantamento *in loco* nas EMEIs construídas pelo Centro. Essas visitas de campo permitiram o registro da condição atual da comunicação visual ambiental aplicada originalmente. Dentre as mudanças ocorridas, destacam-se: a aplicação de pinturas nas vedações internas e externas das edificações; a descaracterização dos elementos gráficos nas áreas internas das escolas; a retirada das logomarcas na caixa d'água e entrada da escola; e a mudança do nome original das escolas.

A aplicação de pinturas nas vedações em toda a parte interna e externa da edificação ocorreu em todas as unidades escolares (Figuras 16, 17, 18 e 19). A solução adotada, apontada em entrevistas realizadas durante a pesquisa, reflete uma aproximação do edifício à realidade dos usuários, muitas vezes distanciando a visão original do arquiteto em manter aparentes os materiais utilizados em sua construção. Essa ação atua no apagamento de muitas características originais da comunicação visual ambiental do CEDEC, principalmente na intervenção no ambiente construído, extrapolando os limites da sala de aula e estimulando o aluno através de elementos visuais temáticos e educativos. Com a pintura das vedações, essa interação não acontece, retirando uma potente ferramenta pedagógica das atividades escolares.

Figura 16: Vista interna EMEI Presidente Jânio Quadros



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 17: Vista externa EMEI Severino do Ramo



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 18: Vista interna EMEI Fausto Ribeiro da Silva Filho



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 19: Vista interna EMEI José Roschel Christi



Fonte: Autoria própria, 2023

A descaracterização da escola em seu projeto visual original desarticula a integração entre os ambientes, dificulta a locomoção autônoma pela criança e prejudica a interação edifício-usuário proposta pela equipe do CEDEC. As únicas características ainda presentes da comunicação visual ambiental são a presença dos pictos nos sanitários (Figura 20) e o número de identificação das salas de aula. Apesar da permanência desses símbolos houve, em alguns casos, modificações por meio de intervenções nas paredes (Figura 21), distanciando-as de suas características originais.

Figura 20: Presença de pictos nos sanitários - EMEI Fausto Ribeiro da Silva Filho



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 21: Intervenção nos pictos das salas de aulas - EMEI Fausto Ribeiro da Silva Filho



Fonte: Autoria própria, 2023

A ausência de logomarcas no piso de entrada da escola e no topo da caixa d'água contribuiu com esse apagamento. Apesar disso, em duas das unidades escolares analisadas, observa-se a permanência desses elementos visuais em seus locais originais (Figura 22 e 23), ainda que de forma quase imperceptível (no caso do piso de entrada) (Figura 24). A presença da logomarca também se faz presente no quadro de avisos e documentos oficiais da EMEI José Roschel Christi, e é vista como parte intrínseca da dinâmica escolar e participa ativamente na identificação da unidade. O não apagamento e o seu significado ainda é mantido na memória ativa de todos participantes ali presentes, reforçando o objetivo do CEDEC de integrar a escola ao bairro e de fomentar a relação de pertencimento entre o usuário e o espaço construído.

Figura 22: Presença da logomarca na entrada da escola - EMEI Fausto Ribeiro da Silva Filho



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 23: Presença da logomarca na caixa d'água - EMEI José Roschel Christi



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 24: Presença da logomarca de forma quase imperceptível na entrada - EMEI José Roschel Christi



Fonte: Autoria própria, 2023

As entrevistas revelam o desconhecimento, por parte da comunidade escolar, da logomarca como elemento associado ao resgate da origem do nome do bairro, assim como seu propósito no espaço educacional. Ainda, a adoção posterior de um novo nome para a unidade, que sobrepõe o nome dado originalmente, corrobora com a falta de uma construção da memória escolar desde sua abertura. Do mesmo modo, sem um processo de mediação histórica e pedagógica, somada à escassez de registros e documentos arquivados, intensifica-se o apagamento desses elementos visuais e simbólicos que compõem a trajetória da escola.

Conclusão

Ao longo dos anos, houve um distanciamento entre as propostas encontradas dentro dos Cadernos e o que se encontra atualmente, sobretudo no que diz respeito à comunicação visual ambiental como ferramenta pedagógica e elemento de identidade. Do mesmo modo, essa distância criada trouxe novas dinâmicas espaciais e identitárias dentro das escolas. Em relação à

identidade da escola no contexto do bairro, destacam-se duas mudanças principais: a primeira, relacionada à alteração do nome original de cada unidade escolar; e a segunda, relacionada ao apagamento da logomarca desenvolvida no projeto visual ambiental, gerando um esquecimento progressivo de seu significado.

A substituição de linguagens visuais intencionadas por pinturas genéricas nas vedações compromete a integração entre espaços, a autonomia das crianças e a interação sensível entre edifício e usuário. Sob a perspectiva do *wayfinding*, tais alterações fragilizam os sistemas de orientação originalmente previstos, uma vez que reduzem a legibilidade do ambiente construído e enfraquecem os referenciais espaciais que auxiliam o deslocamento, a compreensão dos percursos e a apropriação do espaço escolar. Observa-se que, embora algumas marcas simbólicas tenham resistido, como logomarcas no piso ou no topo da caixa d'água e sinalizações em sanitários, sua presença muitas vezes é negligenciada ou esvaziada de significado pelas comunidades escolares atuais.

As construções mostram que a permanência ou apagamento desses elementos está diretamente relacionada à apropriação cultural do espaço, à existência (ou ausência) de processos contínuos de construção de memória institucional e ao reconhecimento coletivo de sua simbologia original. Enquanto em algumas escolas a logomarca segue como um importante recurso de pertencimento e identificação, em outras ela foi gradualmente esquecida, substituída por narrativas mais recentes ou por intervenções físicas não alinhadas ao projeto original.

Esses dados indicam a urgência em se repensar as políticas de manutenção, conservação e atualização dos espaços escolares, de modo a preservar não apenas suas qualidades físicas, mas também seu valor simbólico e pedagógico. A valorização da comunicação visual ambiental, entendida como parte integrante do projeto arquitetônico e educativo, pode ser chave para reforçar a identidade escolar e potencializar a experiência formativa dos alunos, respeitando a história, o ambiente escolar e os sentidos construídos coletivamente ao longo do tempo.

Referências

- BAKER, Geoffrey H. **Design Strategies in Architecture – an approach to the analysis of form**. New York: Van Nostrand, 1996.
- BITTONI, Cássia Schroeder. **Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação**. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – USP, São Paulo, 2009.
- CEDEC/EMURB. **Espaços Educacionais: EMEI e EMPG**. Caderno 3. São Paulo, EMURB, 1992.
- CLARK, Roger H. e PAUSE, Michael. **Precedents in Architecture – Analytic Diagrams, Formative Ideas, and Partis (Third Edition)**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2005.
- LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. **Espaços educativos – uso e construção**. Brasília, MEC/CEDATE, 1988.
- _____. **A Cidade e a Criança**. São Paulo, Nobel, 1989.
- _____. Escolha de material técnico e sistemas construtivos destinados à produção de habitação popular e de condições de habitabilidade. **Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, n.12, p. 118-130, 2002.



MORETTIN, Renata de Oliveira Domingos. **Design ambiental e a sinalização para as crianças: diretrizes de projeto**. 2025. Dissertação (Mestrado em Design) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SOUSA, Adriana Ferreira. **Arquitetura, projeto participativo e educação infantil na produção de Mayumi Watanabe de Souza Lima**. (Relatório final de iniciação científica) - USP, São Paulo, 2007.

UNWIN, Simon. **Analysing Architecture**. London and New York: Routledge, 2006.

WHEELER, Alina. **Design da Identidade da marca**. Porto Alegre, Bookman, 2008.

Sobre o autor (Times New Roman, corpo 12, negrito)

Lígia Gimenes Paschoal

Graduada (2014-2020) e mestre na Área de Concentração: Projeto de Arquitetura (2022-2024) pela FAU-USP. Sob o título “Arquitetura da Educação: uma análise das escolas municipais de ensino infantil de Mayumi Watanabe de Souza Lima”, a dissertação busca compreender as mudanças espaciais das EMEIs construídas pelo CEDEC. Atualmente realiza a Pós-Graduação - Arquitetura, Educação e Sociedade e atua como Professora Assistente pela Escola da Cidade.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7463-6907>

Tatiana Sakurai

Pesquisadora, professora de graduação e pós-graduação do Departamento de Projeto da FAU-USP (2014-). É graduada e mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da FAU-USP, Área de Concentração: Design e Arquitetura. Realizou pesquisa de pós-doutorado na UCLA Luskin School of Public Affairs (2019-2020). Recebeu apoio FAPESP em suas pesquisas nas categorias de IC, Mestrado e Doutorado.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5769-7492>